



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*A ALTERIDADE A PARTIR DA CRIATIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA
EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA*

Thais Guma Pagel¹

RESUMO

O presente artigo reflete sobre a importância da criatividade, seja nas relações sociais ou nas relações com o meio ambiente. Buscou-se focar a questão do desenvolvimento da criatividade como forma de construção da autonomia, da criticidade e da alteridade visando transformações socioambientais significativas. Este trabalho pauta-se, assim, por explorar a relação intrínseca entre a educação emancipatória, a criatividade e a alteridade abordando algumas questões ligadas ao tema em contribuir para formação de cidadãos críticos e participativos, capazes de ver para além das representações sociais e de intervir de forma consciente na realidade.

Palavras-chave: Criatividade; Educação Emancipatória; Alteridade

ABSTRACT

This article reflects on the importance of creativity, whether in social relations or in relations with the environment. We tried to focus on the development of creativity as a means of building autonomy, and the criticality of alterity to significant social change. This work staff, therefore, to explore the intrinsic relationship between emancipatory education, creativity and alterity addressing some issues related to the subject to contribute to formation of critical and participative citizens, able to see beyond the social representations and to speak of conscious way in reality.

Key words: Creativity; Emancipatory Education; Alterity

RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre la importancia de la creatividad, ya sea en las relaciones sociales o en las relaciones con el medio ambiente. Hemos tratado de centrarse en el desarrollo de la creatividad como medio de fomentar la autonomía y la criticidad de la alteridad a un cambio social significativo. Este trabajo personal, por lo tanto, para estudiar la relación intrínseca entre la educación emancipadora, la creatividad y la alteridad abordar algunas cuestiones relacionadas con el objeto de contribuir a la formación de ciudadanos críticos y participativos, capaces de ver más allá de las representaciones sociales y hablar de manera consciente en la realidad.

Palabras clave: La creatividad; La educación emancipadora; La alteridad

¹Graduação em Pedagogia. Especializada em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Mestranda em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA – Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: thais_pagel@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

Somos seres imersos em uma dialogicidade constante com o mundo e com os outros seres. Assim, tudo que nos cerca e do qual nos diferenciamos caracterizam-se como referência para nosso próprio reconhecimento. Nesse percurso, encontramos mais do que a diferença enquanto o eu, até então não estranhado, significa o desconhecido. Dessa forma, entende-se que a dimensão singular é constituída e construidora das relações sociais, fazendo surgir a alteridade como a dimensão de um outro ou das relações com outros.

Ressalta-se que, a capacidade criativa dos indivíduos permite a sobrevivência dos povos. E nesta perspectiva social, pode-se analisar de que forma a criatividade se relaciona ao indivíduo enquanto este tem capacidade inata e exclusiva de raciocinar construtivamente, e de transformar suas relações socioambientais, ou seja, o quanto é urgente desenvolver as potencialidades próprias objetivando uma melhor relação entre sujeito e sociedade e entre sociedade e meio ambiente.

Relaciona-se, então, a criatividade e o desenvolvimento da alteridade com as concepções de uma educação emancipatória quando sua finalidade social é compreender o mundo e as relações sociais através do diálogo construído dos saberes coletivos, e mediado pela realidade problematizada, respeitando as posições divergentes na busca pela essência dos fenômenos e valorizando as particularidades de cada um e de cada cultura, sem perceber uma ordem hierárquica entre culturas ou entre sujeitos.

A educação emancipatória por um viés de uma pedagogia da alteridade pode gerar espaços para que as relações sociais e com o meio ambiente sejam responsáveis, ou seja, “espaços para a emergência do discurso crítico, do diálogo dos saberes e do encontro de alteridades” (MAKIUCHI, 2005, p. 33). Assim, segundo Loureiro (2007), a educação emancipatória está atrelada aos conceitos de liberdade e autonomia que, por servirem como pressupostos do processo de emancipação, permitem um melhor entendimento sobre seu significado.

Com base neste contexto, procurou-se, neste artigo, apresentar uma reflexão sobre a importância do desenvolvimento da criatividade nas concepções de uma educação emancipatória voltada para a construção da autonomia, do desenvolvimento da alteridade e da criticidade do



indivíduo visando transformações em busca de uma melhor qualidade nas relações sociais e nas relações com o meio ambiente.

A ALTERIDADE E A CRIATIVIDADE

Vários aspectos podem ser apresentados em relação ao homem e a sociedade. O homem, ao ser um participante intenso, pode ser compreendido na sua forma singular, com suas características e potencialidades próprias e ao mesmo tempo pode ser visto em sua coletividade. Somos cercados de indivíduos com características e especificidades próprias, indivíduos que pensam e que agem distintamente. Convivemos com pessoas que se apresentam através de infinitas formas.

A confiança nas potencialidades das outras pessoas é algo de extrema importância no processo de convivência, pois permite, além da aceitação e o respeito ao diferente, a construção coletiva de conhecimentos a partir da riqueza da diversidade que ao mesmo tempo nos diferencia como indivíduos e nos iguala como gênero. Assim, o outro, a partir da alteridade, socializa suas características, seus sentimentos, emoções, idéias e pensamentos, que são para além da nossa compreensão total.

A noção de alteridade está vinculada ao desenvolvimento da criatividade enquanto esta permite o desenvolvimento das potencialidades próprias de cada indivíduo sem valorizar uma padronização individualista da sociedade. Dessa forma, a abertura ao outro pode ser compreendida através de sua criatividade, ou seja, de formas infinitas que permeiam a subjetividade do outro. Pois, segundo Levinas (2000):

A alteridade total, à qual um ser não se refere à fruição e se apresenta a partir de si, não brilha na *forma* das coisas pela qual elas se abrem a nós porque, sob a forma, as coisas escondem-se. A superfície pode tornar-se interior: pode fundir-se o metal das coisas para fazer novos objectos, utilizar a madeira de uma caixa para dela fazer uma mesa, aplainando, serrando, recortando: o escondido torna-se aberto e o aberto torna-se escondido. (p. 172).

Dessa forma, o outro, assim como eu, tem suas potencialidades próprias que podem ser melhor compreendidas através do desenvolvimento da criatividade como base para a autonomia e como forma de promover a diversidade nas relações sociais e nas relações com o meio ambiente. Através da capacidade criativa, o processo de interação entre sujeitos e entre sujeito-mundo pode



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*A ALTERIDADE A PARTIR DA CRIATIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA
EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA*

significar um “verdadeiro” diálogo entre sujeitos e suas criatividades, ou seja, segundo Freire (1996), “a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos.” (p. 67).

Assim, a criatividade está ligada ao termo criar, estabelecer relações até então não estabelecidas pelo universo do indivíduo ao visar transformações socioambientais. Ela pode se referir ao indivíduo que apresenta características criativas, à interação de fatores que estabelece no processo criativo ou ao próprio resultado do comportamento criador. A criatividade emerge de uma nova relação resultante da unicidade do indivíduo que ao interagir com outros indivíduos também tem influências do meio ambiente através das suas relações socioambientais.

Segundo Ostrower (2008), “o criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato, criar e viver se interligam.” (p. 5). Assim, “criar é tão fácil como viver. E é do mesmo modo necessário”. (p. 166). Observa-se também, a importância de aspectos não cognitivos do indivíduo como suas motivações, atitudes, valores e interesses como condição para a emergência da produção criativa.

A criatividade pode ser considerada um processo sociocultural e não apenas um fenômeno individual. Pois, não depende apenas de fatores intrapessoais, mas sim das contribuições das relações com o outro e da sociedade como um todo. Assim, criatividade é a integração do fazer e do ser, através de um constante repensar do próprio potencial para transformar o que existe em algo melhor. Assim, “o comportamento criativo é produto de uma visão de vida, de um estado permanente de espírito, de uma verdadeira opção pessoal quanto a desempenhar um papel no mundo” (PREDEBON, 2002, p. 32).

São características do pensamento criativo as muitas idéias sobre um mesmo assunto, ou seja, a capacidade de produzir muitas associações ideacionais significativas; a flexibilidade do pensamento, que permite ao indivíduo criar possíveis mudanças para resolver situações problematizadas; a originalidade na produção do conhecimento que podem caracterizar como respostas que são infreqüentes ou incomuns; a elaboração do pensamento que se caracteriza pela quantidade de detalhes presentes em uma idéia; o processo de avaliação que deve selecionar o melhor pensamento para cada situação (ALENCAR E FLEITH, 2003). Ainda, segundo as autoras,



alguns fatores são favoráveis para o desenvolvimento do potencial criativo como a autonomia, a flexibilidade pessoal, a abertura às experiências, a autoconfiança, a iniciativa, a persistência e a sensibilidade emocional.

Segundo Alencar e Fleith (2003), são traços da personalidade criativa entusiasmo, iniciativa, responsabilidade, independência do pensamento e da ação, imaginação, resistência e dedicação ao trabalho. E Além desses traços de personalidade descritos, a construção de conhecimentos é um fator fundamental para o pensamento criativo, e a autora complementa:

No seu nível mais elementar, poder-se-ia lembrar, por exemplo, que não seria possível a um compositor registrar a sua criação, caso não dominasse as regras de como imprimir na pauta a sua inspiração musical; outro exemplo seria o do cientista de pesquisa básica que deve dominar, entre outros aspectos, a metodologia, a estatística e os princípios básicos de estudos de laboratório, para contribuir para o avanço do conhecimento, através de estudos originais. (...) O conhecimento necessário varia de área pra área e é de importância inquestionável. (ALENCAR, 1992, p. 37).

Dessa forma, o não incentivo ao desenvolvimento da criatividade pode gerar uma padronização dos indivíduos que ao longo da vida é melhor percebida. Através dessa padronização que, ao ir de encontro à criatividade dos sujeitos de serem as suas potencialidades a partir e com o outro, afeta diretamente a construção da alteridade por não valorizar o indivíduo e, portanto, também o Outro. Assim, um sujeito que vive a mesmidade, além de não viver a sua criatividade, se transforma em um indivíduo padronizado que mais nada enxerga pelo viés da alteridade, e sim pelo viés da mesmidade. “E quanto mais a mesmidade se move ritmicamente em torno de si mesma, mais se faz hospitaleira com esse outro até fazê-lo unicamente um hóspede; um hóspede imóvel; um hóspede hostilizado pela norma.” (SKLIAR, 2003, p.153).

A alteridade pode ser entendida como a compreensão do Outro para além do que se apresenta. Enxergar que esse Outro, assim como eu, é constituído por infinitas construções, e que é impossível compreendê-lo em sua totalidade. Assim, complementa-se, a partir de Levinas (2000):

A relação entre Outrem e eu que brilha na sua expressão não desemboca nem no número nem no conceito. Outrem permanece infinitamente transcendente, infinitamente estranho, mas o seu rosto, onde se dá a sua epifania e que apela para mim, rompe com o mundo que nos pode ser comum e cujas virtualidades se inscrevem na nossa *natureza* e que desenvolvemos também na nossa existência. Mas a palavra procede da diferença absoluta. Ou, mais exactamente, uma diferença absoluta não se produz num processo de especificação em que, descendo de género a espécie, a ordem de relações lógicas tropeça no dado, que não se reduz em relações; a diferença assim encontrada mantém-se solidária com a hierarquia lógica sobre a qual ela decide e aparece tendo por fundo o género comum. (pp. 173-174).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*A ALTERIDADE A PARTIR DA CRIATIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA
EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA*

Ressalta-se, então, a importância do desenvolvimento da criatividade para a compreensão da alteridade como modo de ver o outro para além daquilo que ele se apresenta. Pois segundo Skliar (2003), “esse outro não está onde pretendemos, onde o obrigamos, onde o fixamos, onde o deixamos, onde o supomos, onde o escrevemos e inscrevemos.” (p. 154).

Esse outro está onde suas características, especificidades e potencialidades estão, com sua temporalidade e espacialidade próprias, ou seja, “um tempo do outro que irrompe em nosso tempo e se torna inesperado” (SKLIAR, 2003, p. 38), pois “não existe nada humano fora do tempo e não existe nenhum tempo fora do humano” (p. 39), e uma espacialidade pensada a partir de infinitas perspectivas, pois “não há nada das espacialidades – e nas espacialidades – que possa ser explicado senão através do humano”. Assim, através das mais infinitas espacialidades do outro é que a alteridade é constantemente deslocada na medida em que nos desconstrói como sujeitos, ao enxergar o outro através de uma mesmidade individual ou coletiva, ou seja, através de “uma imagem do mesmo que tudo alcança, captura, nomeia e torna próprio; outra imagem que retorna e nos interroga, nos comove, nos desnuda, nos deixa sem nomes” (p. 68).

EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

A criatividade tem suas raízes na infância, mas existem poucos adultos criativos. Quando crianças, todos somos criativos diferentes apenas em termo de grau, mas esse potencial inato vai sendo bloqueado no processo de socialização como, por exemplo, a entrada na escola. Durante o processo educativo, vários fatores são importantes para que seu desenvolvimento seja satisfatório como o incentivo, a autonomia e a responsabilidade da criança. A relação das crianças com a criatividade é intrínseca. Elas não têm nenhum tipo de bloqueio e não estão ligadas a paradigmas geralmente impostos pela sociedade. Ressalta-se que um paradigma pode se apresentar de forma inconsciente, mas irriga as relações conscientes que o homem estabelece com o mundo e com os outros sujeitos (MORIN, 2002).

Vivemos através de um paradigma conservador, oriundo do século XVIII, onde há uma supervalorização do conhecimento científico em prol da defesa de uma verdade absoluta instaurada para descartar os conhecimentos construídos coletivamente, e para desvalorizar a busca pela autonomia, criticidade e emancipação dos indivíduos da sociedade. Dessa forma, o método de



compreensão sobre as ciências naturais se torna principal no entendimento sobre as ciências sociais. Assim, “o que não é quantificável é cientificamente irrelevante.” (SANTOS, 1987, p. 15).

Firma-se, então, a idéia de ordem e de estabilidade do mundo, originando um mecanicismo, a fragmentação e a redução da realidade, que hoje é bastante discutido por não promover uma compreensão satisfatória da realidade e por promover um conhecimento alienante que garanta a tranqüilidade da sociedade. Dessa forma, os indivíduos não participam da construção de uma nova sociedade, para além das concepções do capitalismo, e sim apenas a reproduzem.

Tal modelo não valoriza o desenvolvimento das potencialidades próprias de cada indivíduo na medida em que poucos pensam e muitos trabalham. Pois, o homem é concebido como um ser alienado e reproduzidor de valores éticos e da padronização imposta pela classe dominante que na qual sem a classe oprimida não manteria sua hegemonia.

Ressalta-se que liberdade e autonomia são processos indispensáveis para o desenvolvimento satisfatório do indivíduo. A liberdade se apresenta através de algo concreto da realidade. Segundo Loureiro (2007), “a liberdade está nas relações que mantemos conosco e com o outro, pois pressupõe a certeza de que somos seres que nos formamos coletivamente, na existência de uma cultura” (p. 160). Assim, a autonomia se apresenta através de um processo de busca pela iniciativa, ou seja, “que os sujeitos – individuais ou coletivos – não sejam dependentes de outrem para conhecer e agir” (LOUREIRO, 2007, p. 160). Dessa forma, o conceito de emancipação se constrói através dos conceitos de liberdade e autonomia. Pois, “a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores” (MARX apud LOUREIRO, 2007, p. 160).

A partir e através do processo dialógico e dialético, em que as contradições se complementam e se transformam em uma nova idéia, podemos buscar teorias e fundamentos que nos permitam uma melhor compreensão da realidade. Dessa forma, ressalta-se que todos podem e devem participar deste processo de construção coletiva do conhecimento que subsidia o diálogo crítico sobre as questões sociais e ambientais, ou seja, permite repensar o próprio pensamento e as relações estabelecidas com a sociedade e com o meio ambiente.

Assim, a partir da realidade problematizada, os homens como seres socioambientais e com capacidade inerente de criar, ou seja, produzir novas possibilidades de transformação, podem transformar a realidade através do diálogo crítico com outros ao visar sua emancipação, ou seja,



transformar no sentido de mudar para além da alienação valorizada pela sociedade vigente. No processo de libertação, através da práxis no qual não se dicotomiza a compreensão da prática histórica humana, os indivíduos devem reconhecer-se como homens, “na sua vocação ontológica e histórica de *ser mais*” (FREIRE, 1987, p. 52).

No entanto, a atual sociedade capitalista permeia por concepções conservadoras e opressoras, na medida em que valoriza formas de alienação entre os indivíduos em prol de sua manutenção. Nesta nossa sociedade onde o “ter” é mais importante que o “ser”, gera-se um consumismo desenfreado e relações sociais e ambientais baseadas na opressão, na alienação e na reprodução.

A relação com o outro se restringe, muitas vezes, às relações capitalistas, através da busca pelo individualismo, onde o outro, muitas vezes, não tem nem rosto, ou seja, o individualismo instaurado pela sociedade de consumidores muitas vezes não percebe o outro como alguém além dele mesmo, não permitindo que este outro, que, na maioria das vezes, não é visto para além do próprio rosto, se desvele e seja desvelado. O individualismo refere-se à satisfação imediata de necessidades próprias, não valorizando as necessidades do outro, da sociedade e do meio.

Dessa forma, o individualismo é reproduzido por nós que somos constituidores e constituídos pela sociedade através, principalmente, do processo cultural². Assim, entende-se por cultura “as formas materiais e espirituais com que os indivíduos de um grupo convivem, nas quais atuam e se comunicam e cuja experiência coletiva pode ser transmitida através de vias simbólicas para a geração seguinte” (p. 13).

O outro também é constituidor e constituído pela realidade da sociedade, portanto, ele, muitas vezes, se apresenta, também, como individual na busca pelas suas necessidades, e se apresenta através de um rosto, que pouco alcança o diálogo emancipatório. Pois, segundo Levinas (2000, p. 173), “o rosto está presente na sua recusa de ser conteúdo. Neste sentido, não poderá ser compreendido, isto é, englobado. Nem visto, nem tocado (...)”.

² Segundo Antunes (2001), cultura é “tudo aquilo que o homem é capaz de produzir tanto no plano mental quanto no material” (p. 100).



Assim, a criatividade surge como uma alternativa que se apresenta para além de uma lógica capitalista na medida em que contempla as potencialidades de cada sujeito nas suas relações sociais e nas suas relações com o meio ambiente. Dessa forma, ressalta-se que, “a criação, em seu sentido mais significativo e mais profundo, tem como uma das premissas a percepção consciente” (OSTROWER, 2008, p. 6). Contudo, a autora complementa que:

“não há, para o ser humano, um desenvolvimento biológico que possa ocorrer independente do cultural. O comportamento de cada ser humano se molda pelos padrões culturais, históricos, do grupo em que ele, indivíduo, nasce e cresce. Ainda vinculado aos mesmos padrões coletivos, ele se desenvolverá enquanto individualidade, com seu modo pessoal de agir, seus sonhos, suas aspirações e suas eventuais realizações” (pp. 11-12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os seres humanos nascem imersos em cultura, ou seja, segundo os Ostrower (2008), “todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorizações culturais se moldam os próprios valores de vida” (p. 5), e isto será uma das principais influências no desenvolvimento. Pela interação social, aprendemos e nos desenvolvemos, criamos novas formas de agir no mundo, ampliamos nossas potencialidades neste contexto social e cultural através da criatividade e somos capazes de provocar transformações que garantem a sustentação de espaços onde o novo seja buscado, através da criatividade desenvolvida, construída e refletida.

Este caminhar contínuo em busca da compreensão da alteridade a partir do desenvolvimento da criatividade, por um viés emancipatório, não é determinado apenas por processos intrasubjetivos. O meio, segundo Velasco (2003), entendido como espaço físico e social onde os indivíduos interagem entre si e com a natureza, é fator determinante no desenvolvimento e transformação das relações sociais e ambientais para além do que é dado.

Criatividade é o processo pelo qual o indivíduo desenvolve para reconstruir o próprio conhecimento. É um processo autônomo na medida em que suas concepções baseiam-se na iniciativa, confiança e responsabilidade dos indivíduos através da realidade problematizada. Ao mesmo tempo, criatividade é o processo de interação entre indivíduos criativos através de suas construções e reconstruções do pensamento que, intrinsecamente, ocasionam transformações individuais e coletivas. Sua motivação principal é a tendência do indivíduo para se realizar, para



buscar ser as suas potencialidades. Esta tendência faz com que o indivíduo construa novas relações com o ambiente e com o Outro em busca da alteridade e, conseqüentemente, uma busca para ser mais inteiramente ele próprio.

Assim, através da alteridade, o indivíduo pode reconhecer-se no Outro, pois este Outro também vai buscar reconhecer-se, e isso só é possível através do diálogo problematizado pela realidade; no encontro de alteridades, onde não existe um consenso, e sim uma diversidade de idéias a partir de uma dialética do conflito, pois somos inteiramente diferentes. “É entender que não podemos pensar pelo outro, para o outro e sem o outro. A educação é feita com o outro que também é sujeito, que tem sua identidade e individualidade a serem respeitadas no processo de questionamento dos comportamentos e da realidade.” (LOUREIRO, 2004, p. 28).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Eunice Soriano de. **Como desenvolver o potencial criativo: um guia para a liberação da criatividade em sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- ALENCAR, E. S.; FLEITH, D. S. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- LOUREIRO, Carlos F. B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LOUREIRO, Carlos F. B. Emancipação. In FERRARO JR, Luiz A. (org). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Departamento de Educação Ambiental, 2007, p. 157-169.
- MAKIUCHI, Maria F. R. Alteridade. In FERRARO JR, Luiz A. (org). **Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, p. 27-35.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários para a educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2002.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*A ALTERIDADE A PARTIR DA CRIATIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA
EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA*

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PREDEBON, José. **Criatividade: abrindo o lado inovador da mente**. São Paulo: Atlas, 2002.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença. E se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SANTOS, Boaventura de S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1987

VELASCO, Sírio L. **Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.